



## O ORGANIZAR DA PRÁTICA DE TRILHAS ECOLÓGICAS NA REGIÃO METROPOLITANA DA GRANDE VITÓRIA - ES

Allan Faber Rodrigues Pereira – allanfrp89@yahoo.com.br

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

**Palavras-chave:** Trilhas Ecológicas. Turismo. Turismo como Prática. Estudos Baseados em Prática. Aprendizagem.

O turismo é uma prática humana antiga e que faz parte do nosso cotidiano. Segundo Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002), a humanidade possui curiosidades em relação ao mundo, uma vez que, desde a antiguidade, desloca-se de um lugar para outro a fim de conhecer outras pessoas, culturas e belezas naturais. De acordo com Bispo (2016), essa atividade de deslocamento de pessoas é chamada de turismo, e ocorre por vários motivos, podendo ser entendido como prática sociocultural, pois há uma necessidade dos humanos procurarem e se relacionarem com elementos não humanos. Segundo Bispo (2016), os elementos não humanos são materiais (trilhas, museus, parques, comidas típicas etc.), e os humanos são guias, turistas, moradores locais, comerciantes etc. Partindo da relação de humanos com elementos não humanos, Bispo (2016) aborda o turismo como uma prática voltada para os próprios indivíduos, principalmente para os turistas. O ato de um turista se deslocar até outra localidade para realizar uma atividade, está relacionado, segundo Bispo (2016), a uma prática motivada por elementos não humanos, que é organizada pelos próprios turistas. Dentro dos elementos não humanos citados, este trabalho aborda uma análise empírica do organizar da prática de trilhas ecológicas, com embasamento teórico nos Estudos Baseados em Prática (EPB). Segundo Vilas-Boas e Davel (2018), os Estudos Baseados em Prática são estudos que se baseiam na análise das atividades de uma organização. Bispo (2016), por sua vez, aborda os Estudos Baseados em Prática como uma construção de conhecimento através da pesquisa de determinada atividade, sem se referenciar em modelos, e sem buscar generalizações. O presente trabalho está delimitado à Região Metropolitana da Grande Vitória, no estado do Espírito Santo, e se refere ao organizar da prática de trilhas ecológicas, que é um dos atrativos turísticos da região. Diante disso, percebe-se a necessidade de analisar essa atividade através do entendimento sobre trilhas ecológicas, turismo, Turismo como Prática e os Estudos Baseados em Prática. O problema de pesquisa que norteia este estudo é: como ocorre o organizar da prática de trilhas ecológicas na Região Metropolitana da Grande Vitória – ES? O objetivo geral deste estudo é compreender o organizar da prática de trilhas ecológicas na Região Metropolitana da Grande Vitória - ES. Para isso, foram definidos os seguintes objetivos específicos: analisar as atividades realizadas no organizar da prática de trilhas ecológicas; verificar quais são os elementos humanos e não humanos nessas atividades; identificar as relações desses elementos no organizar das atividades na prática. Para alcançar os objetivos estabelecidos, foi adotada na metodologia desse trabalho a abordagem qualitativa. Para a coleta de dados, foi adotada a técnica de entrevista semiestruturada e observação participante, enquanto para a análise dos dados foi adota a análise do conteúdo. A necessidade de estudar o organizar da prática de trilhas ecológicas, na Região

da Metropolitana da Grande Vitória - ES surgiu devido à observação do pesquisador com relação ao aumento dessa atividade turística nos últimos anos na região, e sua proximidade com o objeto de pesquisa. As trilhas ecológicas, tema pertencente aos estudos sobre turismo, estão relacionadas à abordagem principal desse trabalho, uma vez que será compreendido o organizar da prática dessa atividade. Neste trabalho, foi adotada a definição de Turismo como

Prática, como um “[...] estudo que visa a contribuir para a geração de conhecimento em turismo se utilizando de uma estratégia de investigação construtivista e uma metodologia qualitativa [...]” (CAVALCANTE; BISPO; SOARES, 2017, p. 36). A abordagem do Turismo como Prática contribui para o entendimento das relações de elementos humanos e não humanos e, também, para o processo de aprendizagem sobre turismo, alinhada aos estudos baseados em prática (CAVALCANTE; BISPO; SOARES, 2017). Levando em consideração que o objetivo geral deste trabalho é compreender o organizar da prática de trilhas ecológicas na Região Metropolitana da Grande Vitória – ES, foi possível identificar aspectos importantes que corroboraram para que a pergunta inicial deste estudo fosse respondida, com destaque para as evidências que indicaram a relevância dos elementos não humanos. Sendo assim, entende-se que os elementos humanos e o deslocamento não são os únicos protagonistas do organizar da prática de trilhas ecológicas, pois eles se articulam em conjunto com os elementos não humanos (Bispo, 2016). O conjunto desses elementos marca o fato da prática das trilhas em áreas ecológicas ter se ampliado nos últimos anos (EISENLOHR, 2013). Isso revela a importância deste estudo, que também se sustenta na escolha por realizá-lo ao associar esta atividade turística aos Estudos Baseados em Prática, pois esse caminho permitiu compreender melhor o Turismo como Prática (CAVALCANTE; BISPO; SOARES, 2017) destacando o organizar da prática de trilhas ecológicas. O diferencial dessa prática turística é o ambiente natural onde ela ocorre que, diferente da área urbana, torna-se atrativo pela natureza e suas várias paisagens (GOELDNER; RITCHIE; MCINTOSH, 2002). Essa inserção na natureza remete à importância dos mencionados elementos não humanos vindos da natureza, por isso esses elementos, em conjunto com os outros, marcam os momentos em que se realiza o organizar da prática de trilhas ecológicas. Nesse organizar, várias atividades são realizadas que, coordenadas entre si, permitem que seja realizada a prática da trilha. Buscando analisar essas atividades, foram destacados quais são os elementos humanos e não humanos, e foi possível compreender que existe uma relação de construção sociomaterial envolvendo esses elementos. Segundo Cavalcante e Bispo (2018), a atividade turística é corroborada por processos organizativos, que juntos formam uma prática. No caso deste estudo, a primeira parte desse processo está voltada aos itens que devem ser levados para a trilha ecológica. Esses itens podem ser alimentos, vestes, equipamentos, entre outros itens que o praticante da trilha acredita ser necessário levar. Alguns desses praticantes adquirem esses itens dias antes da prática ocorrer. Cabe destacar que o processo de organizar relatado pelos praticantes de trilha é partilhado e validado à medida que ocorre um padrão dos itens e acessórios escolhidos. As notas de campo produzidas a partir das experiências anteriores do pesquisador indicam que o padrão de itens e acessórios está relacionado a um grupo de itens que, de forma fixa, precisam ser levados para as trilhas: “água, alimentos, kit de primeiros socorros pessoal, papel higiênico, saco pra lixo e dinheiro” (NOTAS DE CAMPO). Através do guia ou do condutor ambiental, esses itens acabam sendo recomendados repetidas vezes, ao ponto de se tornarem um padrão para várias trilhas. Entretanto, as entrevistas e as notas de campo indicam que apesar de existir um padrão de itens, existem itens que suas demandas vão variar de acordo com o aspecto da trilha. “O calçado, a roupa, o repelente, o protetor solar, os óculos escuros, o chapéu ou o boné podem não ser itens fixos” (NOTAS DE CAMPO). Caso a trilha seja praticada em uma montanha, será mais recomendado o uso de botas, enquanto uma trilha em um local plano, com menos irregularidades no terreno, favorecerá o uso de tênis. Em trilhas na beira da praia será

recomendado o uso de protetor solar, enquanto em matas fechadas, com bastante sombra, não haverá tanta necessidade. Neste último caso, o guia pode recomendar o uso de repelente contra insetos. Os itens levados para a trilha aqui tratados se articulam com os diversos outros aspectos da prática, um que se destacou na análise é a logística, ou seja, toda a forma de deslocamento para o ponto de partida da trilha. Os meios de deslocamento para a trilha consistem no processo de dirigir-se ao local destinado da trilha. De acordo com os dados, os meios de deslocamento utilizados são: veículos próprios, caronas compartilhadas, ônibus, van e uso de aplicativos de transporte. Quando o evento é aberto, os praticantes podem escolher aquele meio que estiver mais conivente com sua situação financeira e com o tempo que será necessário para cumprir o trajeto. Quando o evento é fechado, ou seja, com um veículo já determinado, as pessoas só participam se estiverem de acordo com a organização. No caso das atividades, existem aquelas que antecedem a data da realização da trilha, tais como: definição dos itens levados para a trilha, definição dos meios de deslocamento até o local de partida, previsão do tempo, e informações sobre os atrativos naturais e o grau de dificuldade da trilha. Há atividades que ocorrem durante a trilha, que são as interações entre as pessoas (elementos humanos), e as interações entre as pessoas com a natureza e com os itens que serão consumidos e utilizados durante a trilha (elementos não humanos). Por fim, existem as atividades que ocorrem após a conclusão da trilha, que consistem no deslocamento dos participantes para seus destinos, e no feedback de toda a organização da prática da trilha. Sendo positivos ou negativos, os feedbacks recebidos promovem uma reflexão de toda a equipe, e alguma mudança na próxima trilha. Ao tratarem das relações entre pessoas, e das pessoas com os diversos elementos do turismo, como no caso deste estudo, os itens levados para a trilha, e o veículo utilizado para o transporte, Cavalcante, Bispo e Soares (2017) afirmam que se trata de relações entre elementos humanos e elementos não humanos. De maneira convergente com esses autores, este estudo evidenciou que essas relações são contínuas, uma vez que a todo instante os elementos humanos precisam ter acesso aos elementos não humanos, seja na fase de preparação, de execução ou de conclusão da trilha. Durante a prática da trilha, as relações entre humanos, e entre humanos e não humanos ocorrem simultaneamente, e de forma dinâmica. A natureza, por exemplo, pode ser considerada um elemento não humano vivo, uma vez que não se encontra estática durante a prática da trilha, além de ser o principal motivo para que toda essa interação aconteça. Toda a interação entre os elementos humanos e elementos não humanos durante a prática da trilha ecológica permite o aprendizado através da prática, que, por sua vez é utilizado no organizar da prática das próximas trilhas ecológicas. Esse processo evidenciado neste estudo reforça o entendimento de Cavalcante, Bispo e Soares (2017), de que toda a abordagem sobre aprendizagem contribui para a compreensão das relações entre humanos e não humanos, no organizar da prática das trilhas ecológicas. O conjunto dessas constatações oferecidas neste estudo indica uma contribuição específica para o campo, dentro do turismo como prática este trabalho oferece um estudo mais específico sobre trilhas ecológicas, e o organizar da prática delas. Na dinâmica aqui evidenciada a sociomaterialidade acaba envolvendo intensamente a condição viva dos elementos da natureza, e a natureza se apresenta como um elemento não humano. Em outros estudos sobre o turismo como prática não são abordadas essas relações sociomateriais da natureza viva nessa intensidade. Portanto, a partir das contribuições deste trabalho, estudos futuros podem se voltar desde o início para explorar o elemento não humano natural vivo no campo de estudo do turismo como prática. Além dessa contribuição para o campo de estudo, cabe destacar as contribuições para os praticantes. Este estudo oferece reflexões a partir de uma vivência básica de organização da prática de trilhas para guias e condutores ambientais locais, para aqueles que estão interessados na atividade. Para os praticantes de um modo geral, inclusive para aqueles que pretendem praticar trilhas, o estudo mostra algumas experiências que levaram a um aprendizado prático dos envolvidos, que agora podem ser compartilhadas com outros praticantes em suas reflexões e aprendizagens.

## **Referências**

- BISPO, M. de S. O Turismo como Prática Cultural Organizativa, Sociomaterial e Estética. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v.5, n.2, p. 125-137, 2016.
- CAVALCANTE, E. D. C.; BISPO, M. de S.; SOARES, L. da C. Reflexões sobre o Processo de Aprendizagem Social do Turismo como Prática na Orla Marítima de João Pessoa/PB. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 34-49, dez. 2017.
- CAVALCANTE, E. D. C.; BISPO, M. de S. A análise etnometodológica do turismo como prática numa orla marítima no Nordeste brasileiro. **O&S**, v. 25, n. 85, p. 247-263, abr/jun, 2018.
- EISENLOHR, P. V.; MEYER, L.; MIRANDA, P. L. S. de; REZENDE, V. L.; SARMENTO, C. D. e; MOTA, T. J. R. de C.; GARCIA, L. C.; MELO, M. M. da R. F. de. Trilhas e seu papel ecológico: o que temos aprendido e quais as perspectivas para a restauração de ecossistemas? **Trilhas, florestas e restauração ecológica**, n.1, p. 407-418, 2013.
- GOELDNER, C. R.; RITCHIE, J. R. B.; MCINTOSH, R. W. trad. Roberto Cataldo Costa. **Turismo: Princípios, Práticas e Filosofias**. 8. ed., Porto Alegre: Bookman, 2002.
- VILAS-BOAS, O. T; DAVEL, E. P. B. Prática Intercultural da Liderança: Princípios e Desafios da Pesquisa Empírica. **Revista Teoria e Prática em Administração**, v.8, n.1, p. 106-137, 2018.